



**colheres de bambu**

alvaro abreu

## Viva

As colheres de bambu feitas por Alvaro Abreu têm uma característica peculiar. Já observei em algumas circunstâncias: é raro que alguém as veja sem procurar tocá-las. O que será que isso quer dizer? Em geral a apreensão visual basta para que saibamos se gostamos ou não de um objeto, se queremos ou não que ele esteja em nosso cotidiano. Mas as colheres são como ímã. Mesmo que por um breve instante, estabeleça-se uma pausa, um intervalo, em que alguma conexão ocorre entre o ser que passa e se detém e o que ele vê, algo mais fundo do que o consumo fugaz de tantos estímulos visuais a que estamos submetidos em nosso dia-a-dia.

Esse apelo a uma fruição “gratuita”, a uma alegria meio “boba”, um prazer quase infantil no envolvimento dos vários sentidos do espectador, me parece ser um dos principais méritos dos objetos esculpidos por Alvaro. Por “trás” dessa qualidade primordial está o rigor das formas essenciais, num jogo de repetição e variação, que os torna unos no conjunto, ao mesmo tempo em que cada um permanece único.

O processo de confecção das peças é paciente. Alvaro vai retirando partes dos pedaços de bambu que encontra até que não mais encontre o que retirar. A escolha da matéria é significativa. No Oriente, onde é usado há pelo menos 3.760 anos, o bambu sempre foi considerado uma planta sagrada. Dizem que seu interior oco é um compartimento de pureza. Ele é parente da grama, o que significa que, cortado, cresce de novo, sem necessidade de replantio. A remoção das hastes maduras é que o impele a emitir novos brotos, fortes e saudáveis. Em tempos em que a sustentabilidade se tornou um imperativo, lembremos também que essa planta atua como um filtro para a atmosfera, por conta de seu metabolismo acelerado, que o torna um campeão de sequestro de carbono. A matéria-prima conjuga resistência, flexibilidade e durabilidade – uma proeza invejável, diga-se!



Trata-se de um trabalho difícil de enquadrar. É design? Sim: são objetos que podem se repetir e que atendem a uma determinada função. É artesanato? Sim, podem ser vistos dessa forma, afinal são feitos à mão. É arte? Sim, dizem os museus que já os colocaram em suas paredes e opino eu também. Embora na verdade escapem a qualquer classificação, a quietude e a imanência que eles manifestam sempre me fizeram lembrar das naturezas mortas de Giorgio Morandi. Se existisse a expressão, poderíamos falar aqui de “natureza viva”, pois Alvaro transforma a natureza em utilidade sem que haja uma perda do atributo inicial, ou seja, os objetos permanecem natureza – natural e artificial; feita por Deus e feita pelo homem, em harmonia.

Talvez esteja na palavra “viva” – sendo adjetivo ou substantivo – uma chave para entender a obra de Alvaro Abreu e o efeito que ela provoca em nós. Ele começou a se dedicar a esse labor depois de um infarto. Respondeu à morte com o fazer, e o fazer com as mãos – uma coisa simples, pequena, um dia após o outro, todo dia. Não faz para ganhar dinheiro. Ao recusar-se a transformar as colheres em mercadorias, ele nos interdita a possibilidade de consumir – verbo que corre o risco de definir a sociedade atual, em seu duplo sentido de comprar e esgotar, exaurir. No intervalo de tempo em que paramos para observá-las, é pela afirmação da vida que elas nos encantam e nos fazem suspirar e querer viver.

**Adélia Borges**

*Jornalista e curadora na área de design*



